

O ADOLESCENTE COMO PESSOA EM DESENVOLVIMENTO E A CONTEMPORANEIDADE

Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira

Para melhor compreender o conceito de adolescência e ultrapassar alguns mitos existentes em torno do adolescente faz-se necessário considerar a adolescência como fase do desenvolvimento do ciclo de vida humana.

“Quem é esse ser, o adolescente?”

Se você tentou responder à pergunta acima, certamente deve ter se surpreendido apresentando algumas visões fechadas (e possivelmente negativas) sobre a adolescência:

“Adolescente é aborrecente!”

“Adolescente é aquele ser grande demais para ser criança e bobo demais para ser adulto”

“É consumista... é imediatista... é inseguro... é irresponsável.”

As idéias acima expressam mitos que são muito comuns sobre a adolescência. Esses mitos estão presentes nas muitas concepções sociais acerca dessa fase da vida, e se mantêm porque nós as repetimos em diferentes contextos. Tendemos a naturalizar o caráter problemático da adolescência, não percebendo que as imagens de irresponsabilidade, intransigência, labilidade emocional, imprevisibilidade etc, são parte da experiência adolescente apenas em determinados contextos socioeconômicos e culturais privilegiados. Para outros contextos, esta fase é marcada pelo trabalho arduo, disciplina e muita

responsabilidade frente ao sustento da família, não se aplicando as definições acima.

Podemos perceber dessa forma que a categoria *adolescência*, enfocada quase sempre no singular, torna-se plural quando consideramos a diversidade das experiências possíveis no contexto da contemporaneidade. Para aqueles que vivem em segmentos abaixo da linha da pobreza; nas camadas populares urbanas ou em contexto rural; entre indígenas; migrantes; em famílias estruturadas segundo diferentes configurações sociais e sexuais; em zonas de violência; no seio de minorias religiosas e étnicas; como estrangeiro em país estranho, ser adolescente pode representar ter comportamentos, expectativas de futuro, exigências sociais e formas de participação culturais muito distintas.

Em cada um desses contextos, a adolescência está associada a diferentes condições de inserção/exclusão social e guarda diferentes formas de ser e estar no mundo, que devem ser identificadas e compreendidas por nós.

O conceito de adolescência: aspectos históricos¹

O termo adolescência advém do verbo latino *adolescere*, que, em nossa língua resulta em dois desdobramentos: *amadurecer*, crescer, desabrochar, por um lado, e *adoecer*, por outro (Rice, 1984). Isso significa que a adolescência está caracterizada por uma dupla tarefa desenvolvimental: (a) o *amadurecimento* do corpo biológico – associado às transformações da puberdade – e da estrutura

¹ Glossário - Puberdade: conjunto de eventos do desenvolvimento biológico que transformam o corpo de um estado de imaturidade física e um estado de maturidade biológica para a reprodução sexual. O primeiro evento da puberdade é o sinal químico emitido pela hipófise para ativar a produção de hormônios de crescimento e hormônios gonadotróficos, responsáveis pelo desenvolvimento sexual primário.

psicológica no percurso para o *self* adulto; (b) o *adoecimento*, relacionado aos vários aspectos da crise psicossocial atravessada pelo sujeito durante este período da vida.

Se a puberdade pode ser compreendida como um fato natural, a adolescência não. Trata-se de uma construção histórica, assim como socio-cultural. Isso significa que a categoria “adolescência” passou a ser socialmente incorporada às rodas de conversa e textos escritos, como relatos médicos e jurídicos entre os séculos XVII e XIX. Acredita-se que seu reconhecimento como fase distinta do ciclo de vida, situada entre a infância e a vida adulta, tem relação estreita com processos sócio-históricos da transição para a modernidade: a constituição da família burguesa (nuclear), a sedimentação do modo de produção capitalista nas sociedades complexas, bem como a formação dos primeiros sistemas nacionais de ensino formal.

Até o século XII, falava-se a respeito dos adultos jovens, mas não de adolescentes. Na idade média, a atividade de trabalho estava associada à produção artesanal e ao comércio, não havendo, de fato, separação entre vida e trabalho, entre socialização familiar e profissional. Tão logo as crianças conquistavam autonomia motora, os espaços de brincadeira passavam a se misturar ao das oficinas de trabalho, fazendo com que a transmissão do ofício se desse de modo quase natural.

Com o advento da modernidade, a crescente necessidade de saberes especializados, a mediação técnico-científica da produção e a divisão do trabalho aumentaram as exigências quanto à preparação para a entrada no mundo profissional. A escola passou a representar o espaço incumbido dessa

preparação, assim como o lugar do “tempo de espera” pela oportunidade de acesso ao trabalho formal. Tudo isso contribuiu para a necessidade de formalização da educação e resultou na progressiva separação entre as formas de vida dos adultos e das crianças.

Ao lado das mudanças na organização da família e do trabalho, a nova ordem econômica do capitalismo também promoveu mudanças que contribuíram para o reconhecimento da adolescência como momento distinto do desenvolvimento humano. Em torno da revolução industrial, no século XIX, a associação entre o capitalismo em consolidação, o processo de urbanização e a ação da medicina social promoveu a quadruplicação da população mundial. Passa-se a identificar de modo cada vez mais claro a separação entre o fim da infância e o início da vida adulta, embora o intervalo entre esses dois momentos não tivesse uma definição social precisa. Desde então, o período intermediário caracterizado pela adolescência permanece como tempo de espera.

Adolescência e cultura

Os estudos antropológicos sobre a adolescência e juventude em culturas exóticas, desenvolvidos do início do século XX, ajudaram a compreender que, se a puberdade é um fenômeno da espécie humana, por outro lado, o significado cultural atribuído aos eventos pubertários difere entre as culturas.

Inserida em práticas culturais diversas, a puberdade torna-se também um fato cultural. Por exemplo, a liberdade sexual expressa uma conquista importante para os adolescentes de alguns agrupamentos culturais ocidentais

contemporâneos. Entretanto, Margaret Mead (citada em Galinkin, 2002) nos conta que, para um adolescente da sociedade manu, habitante de uma das ilhas do Pacífico, não poder usar um número determinado de dentes de cão representa uma frustração maior que a repressão sexual ou mesmo que a privação de alimentos.

Grande parte dos grupos sociais, de culturas distintas, demarca em manifestações cerimoniais, a passagem da infância à idade adulta. Nesses ritos de passagem², o amadurecimento físico é associado à idéia de morte simbólica da criança para o nascimento de um novo sujeito adulto. Em cada uma, os ritos de passagem assumem uma forma de preparação (quarentenas, isolamento social) e desfecho (rituais de suplício, dramatização da morte/renascimento, festas, celebrações etc). Para o grupo, o sujeito que inicia o ritual está na condição de criança e, ao terminar, adquire novo *status* social: a condição de adulto. Assim, o rito de passagem demarca a maioridade social do adolescente.

Nas sociedades ocidentais modernas, ao contrário, os ritos de passagem foram suprimidos e substituídos por uma longa fase intermediária entre infância e vida adulta. Eventos como a festa de debutante, a maioridade civil, o primeiro emprego, assumem nessas sociedades parte do significado e da função representada pelos rituais nas sociedades arcaicas.

Desenvolvimento psicológico na adolescência:

² Eventos sociais estabelecidos a fim de dar estrutura e significado especial a importantes transições da vida, como é a passagem da infância à condição adulta

Além de expressar uma construção histórica e uma produção cultural, a adolescência também expressa as formas singulares como cada sujeito particular representa, sente e vive a transição da infância para a vida adulta.

a) Reconstrução da auto-imagem e senso de identidade

Tudo começa com os pêlos que surgem no rosto, axilas ou região pubiana. Mudam os odores, as formas, o peso, as características do cabelo e da pele. Nariz, mãos, orelhas e pés crescendo de modo desproporcional. Novas sensações e reações diante do sexo oposto que, às vezes, fogem ao controle voluntário. Um belo dia, o púbere se aproxima do espelho e não se reconhece na imagem que ali encontra.

Isso ocorre porque a imagem de si, construída ao longo da infância, entra em choque com o novo corpo, causando no sujeito uma sensação de estranheza, desconforto. Muitas vezes, o mal-estar é acentuado em função da inadequação entre as características físicas assumidas pelo corpo do adolescente e os padrões estéticos valorados na cultura, ou impostos pela mídia e pela sociedade em geral. Especialmente as adolescentes, sofrem com a impossibilidade de atender ao modelo de corpo esguio exigido delas, numa fase da vida em que o acúmulo de gordura, o arredondamento dos quadris e o aumento dos seios seguem um ritmo ditado pelos hormônios, escapando ao autocontrole.

O que queremos mostrar é que o efeito psicológico das transformações corporais é fortemente condicionado pelo contexto social, ou seja, pela forma como as pessoas reagem às mudanças físicas experimentadas pelo adolescente.

A forma como são vistos interfere de modo decisivo na auto-imagem e na auto-estima do adolescente.

Assim, é parte dos processos psicológicos da adolescência a internalização da nova imagem corporal, articulando-a à auto-imagem, de forma integrada e sistêmica. Isso envolve abrir mão da imagem corporal infantil e assumir como próprio o corpo com características adolescentes e adultas.

O corpo biológico representa uma parte importante da imagem que cada um tem de si. A reconstrução da auto-imagem corporal é uma dimensão significativa da construção da identidade na adolescência. O senso integrado de identidade envolve também a síntese dos diferentes papéis sociais que o adolescente passa a ocupar ao longo da adolescência. A definição da identidade social, sexual, de gênero, cultural etc, são outras dimensões necessárias de serem integradas entre si.

Conforme resumem Cole e Cole (2003),

“à medida que as pessoas jovens vão chegando ao fim da adolescência, elas se tornam cada vez melhores na formulação de auto-descrições que se aplicam a vários contextos, permitindo-lhes integrar os eus contraditórios que elas enxergam em si”. (p. 690).

b) Mudança de significação da relação com os pais

Depois das mudanças corporais, a marca psicológica mais importante da adolescência em nossa sociedade é a separação dos pais. Se, durante os primeiros anos da vida, grande parte dos significados, valores e crenças que orientavam a atividade da criança eram dados pelos pais, a adolescência marca a

fase da vida na qual o sujeito assume valores próprios, numa perspectiva de buscar autonomia em relação aos pais.

Muitos autores, para quem a adolescência é um período de crise, a experiência de crise tem relação com a rejeição da autoridade parental, os conflitos de gerações e a crítica dos valores e modos de vida da família levados a cabo pelo adolescente.

No entanto, sabemos que tal crise, se é que existe, não é unilateral. Na mesma fase do ciclo de vida familiar em que os filhos chegam à adolescência, os pais atingem a meia idade, fase da vida em que acumulam maiores responsabilidades no trabalho e várias exigências por parte do grupo familiar. Ao mesmo tempo, é a fase em que avaliam suas realizações, ressentem-se dos projetos adiados, das próprias frustrações. Nesse sentido, os conflitos que eventualmente emergem na família são produto dos processos intersubjetivos envolvendo todos os membros, e não mero efeito da crise da adolescência.

Separar-se dos pais não exige a separação física, mas necessariamente a separação simbólica. Separar-se nesse nível é poder pensar de modo diferente da família, rever suas visões de mundo, considerar outras alternativas de futuro. Tal separação simbólica é importante para dar ao adolescente os meios subjetivos necessários a assumir posições próprias, desejando os próprios desejos e fazendo os próprios projetos e escolhas, ainda que para isso contrarie o que foi projetado originalmente pelos pais.

A possibilidade de assumir a primeira pessoa nesses processos é um aspecto fundamental da mudança de significado do vínculo entre os adolescentes e seus pais. Por meio deles ocorre a passagem do relacionamento pautado na

autoridade, comum na infância e primeiros anos da adolescência, para formas de vínculo simétricas e orientadas pelo respeito interpessoal, uma conquista dessa fase da vida, fundamental na transição para a fase adulta.

Do que se discutiu acima, é possível identificar que os processos psicossociais da adolescência requerem o pano de fundo dado pela existência de uma estrutura familiar, qualque que seja ela.

c) Novo significado da relação com o grupo de pares: aspectos sociais e afetivos

O grupo de pares de idade (amigos, colegas de escola etc) passa a assumir, na adolescência, significado diferenciado do que prezava na infância. Comparado à criança, o adolescente passa a gozar de mais independência e mobilidade no espaço social, realiza maior número de atividades não compartilhadas com a família e passa a conviver com uma maior diversidade econômica, social e étnica. Por outro lado, compartilha uma parte significativa de seu tempo com outros adolescentes e jovens, na escola, no lazer, em atividades culturais, bem como, não raro, em práticas transgressivas. Pela primeira vez no curso do desenvolvimento, as escolhas e identificações sociais deixam de ter a mediação direta da família. Em geral, as crianças se relacionam com amiguinhos encontrados na escola escolhida pelos pais, com os filhos de outras famílias amigas, etc. Para o adolescente, a autonomia é primeiramente exercida nas escolhas de amizade. Ele se aproxima e se vincula àqueles com os quais ele próprio se identifica, a partir de critérios e valores que não necessariamente expressam os valores ditados pela família.

Por essa razão, o grupo de pares de idade passa a ter grande importância em diferentes dimensões da vida do adolescente. Essa importância se traduz em aspectos como o sentimento de lealdade ao grupo, a intimidade entre seus membros, o compartilhamento de segredos, a adesão de cada um à imagem visual do grupo e a pautas de comportamentos grupais (rebeldia, transgressão, uso de drogas etc). Não raro, as orientações grupais contradizem a orientação individual, mas são assumidas por cada um, no contexto coletivo, em nome da unidade do grupo.

Percebemos que quanto mais inicial a adolescência, maior a importância do grupo e intensa a fidelidade do adolescente a ele. Com a transição para a vida adulta, é comum ocorrer a desintegração do grupo, que perde o significado anterior face às demandas sociais para que novos posicionamentos mais adultos sejam assumidos. Nesse novo contexto, apenas as amizades mais verdadeiras são preservadas.

Além da importância do grupo nos processos de socialização do adolescente, identificamos nele papel fundamental na orientação dos vínculos afetivos e sexuais. Ao longo da adolescência, os sujeitos vão migrando de grupos de mesmo sexo para grupos heterossexuais. Os segundos constituem um contexto importante de transações entre gêneros, que preparam o adolescente para os papéis sociais a serem desempenhados nas futuras relações sexuais. Com o alongamento da adolescência e o adiamento do casamento, entre as novas gerações, essa etapa de experimentação de papéis de gênero também tem se prolongado.

- d) Elaboração de perspectivas de futuro – projeto de vida (no plano afetivo, profissional, moral)

Enquanto podemos ter alguma clareza quanto ao início da adolescência – os eventos da puberdade fisiológica – o mesmo não podemos dizer quanto ao seu fim. As marcas que definem que alguém deixou de ser adolescente sofrem profundas modificações conforme a cultura e o tempo histórico.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a assunção de um projeto de vida, a realização de escolhas amorosas e a conquista da autonomia financeira encontram-se entre os indicadores do fim da adolescência. Entretanto, o maior tempo necessário à elaboração dessas conquistas tem contribuído para o alongamento da adolescência.

Adolescência no contexto da contemporaneidade

Tem-se costumado referir como contemporaneidade o período histórico iniciado na segunda metade do século XX, marcado, em nível mundial, pela necessidade de ajuste às mudanças na esfera política (crise do socialismo) e nas relações econômicas internacionais, marcadas pelo acirramento dos contrastes econômicos, da dependência dos países periféricos ao capitalismo central, do desemprego e da pobreza.

Esse período, conhecido também como capitalismo tardio (Habermas, 1993), ou terceira revolução industrial (Santos, 1998), é caracterizado por um desenvolvimento científico e tecnológico intenso, que deixa de ser prioridade das grandes empresas, para passar a fazer parte da vida cotidiana das pessoas.

Tecnologias desenvolvidas no contexto da guerra fria, como é o caso das redes digitais, tornando-se obsoletas para o fim a que se destinavam, passam a ser amplamente comercializadas, chegando até a casa das pessoas.

Acredita-se que a introdução de um vasto conjunto de novas tecnologias na vida social teve efeitos diferentes do esperado. Por um lado, provocou desconcerto diante da enxurrada de novidades, à qual muitos de nós ainda tenta se adaptar. Por outro lado, contribuiu para acirrar as contradições existentes entre aqueles que detêm o acesso às tecnologias e os que não detêm.

Essas mudanças, que se intensificam a cada dia, demandam novos modos de subjetivação coerentes com o contexto historico-cultural contemporaneo. Tantas mudancas tornam a tarefa de conquista da síntese da identidade associada ao desenvolvimento do adolescente, algo ainda mais delicado do que em contextos de desenvolvimento humano relativamente estáveis.

O mundo de vida do adolescente é constituído pela trama que une a família, a escola e a sociedade. Entretanto, os modelos conceituais que costumamos lançar mão para pensar a adolescência têm dado pouca atenção às singularidades do desenvolvimento nos contextos urbanos com as marcas da contemporaneidade (Castro, 1998). Os novos contextos de desenvolvimento da criança e do adolescente são complexos e divergem dos modelos representados na ciência do desenvolvimento humano. Por sua implicação direta no desenvolvimento adolescente, vamos comentar a respeito da nova família, das novas tecnologias, da nova moral e das novas relações afetivas.

É fato que as mudanças na família, com a inserção mais expressiva da mulher no mundo do trabalho e as novas configurações familiares (advindas do

divórcio, dos casais com orientação sexual não-hegemônica etc) têm impactos sobre os filhos, na condição de seres em desenvolvimento. Sabe-se que, desde a infância, o tempo compartilhado por pais e filhos, tem diminuído. A criança pequena passa mais tempo com outras crianças (irmãos, pares de escola) e diante da TV, do que na companhia de adultos significativos.

Na adolescência, essa situação se intensifica. Como o adolescente vive a necessidade de reconhecer-se e ser reconhecido como pessoa autônoma, ele tende a buscar essa autonomia por meio do afastamento dos pais, passando a encontrar nos pares de idade o acolhimento e o diálogo antes buscado com os pais.

Alem disso, a contemporaneidade é caracterizada pela profusão de novas tecnologias e mídias. Todos somos afetados pelo fato de que computadores, celulares e chips estão presentes em quase todas as atividades da vida social. Em especial, a exposição intensiva à TV afeta a formação da subjetividade de crianças e adolescentes à medida que ela representa, para muitos, ao mesmo tempo, um cuidador (a chamada “babá eletrônica”), um antídoto contra a solidão e uma importante alternativa de lazer. O número elevado de horas de exposição à TV contribui para inserir crianças e adolescentes em cadeias de consumo, tanto através das propagandas, como da “pedagogia” inscrita no formato e nos conteúdos da programação infanto-juvenil.

Nesse aspecto, o apelo mais forte aos adolescentes vem das novas mídias e outras tecnologias de comunicação. Nelas, são explorados recursos de simulação de realidade que promovem experiências perceptivas singulares e induzem novas modalidades de troca social (como é possível nas diversas

ferramentas de comunicação e interação em rede via redes digitais). Alguns estudos têm apontado o caráter contraditório dessas redes: por um lado aproximam pessoas, ao viabilizarem encontros *online* e contatos interpessoais insondáveis na ausência desse recurso. De outro, conduzem os sujeitos a um forte isolamento social, permanecendo-se todo o tempo de ócio diante da máquina.

As mudanças familiares e sociais acabam por influir nas relações sócio-afetivas homem/mulher. Na contemporaneidade as relações afetivas estão marcadas por uma nova moral: o maior individualismo, as relações sociais mais competitivas, os vínculos mais superficiais afetam a qualidade das relações afetivas e de gênero. Passam a prevalecer relações mais superficiais e efêmeras, vividas como relação de consumo e não como um enlacedimento amoroso.

Essas características vão de encontro às necessidades afetivas do adolescente. Na adolescência, as relações entre os gêneros mudam de significado em relação à infância. Isso ocorre em função da mediação sexual e erótica dos afetos, que vem em decorrência da maturação sexual. O que é importante assinalar, como marca da contemporaneidade, é que essas novas trocas ocorrem sem que os adolescentes possam se apoiar em pautas de comportamento de gênero claramente definidas. Se o adolescente já é, em geral, inseguro, no campo das relações afetivas, essa insegurança se intensifica. Estudos evidenciam que o gênero feminino, por ter um papel protagonista nas mudanças sociais em curso, tem expressado mudanças mais radicais em relação a valores como família, casamento, amor romântico, trabalho, sucesso e ascensão social. As adolescentes também se apresentam mais sensíveis a essas mudanças do

mundo adulto que os garotos.

Referências

CASTRO, L. R. (Org.) *Infância e adolescência na sociedade do consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.

COLE, M., COLE, S. R. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GALINKIN, A. L. *Adolescência: aspectos culturais*. Manuscrito não publicado, 2002

OLIVEIRA, M. C. S. L. *Internet e educação: uma análise das novas mediações nos processos de interação e construção de conhecimentos*. 2000. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1998). *Na malha da rede : os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus

SANTOS, B. S. (1995) *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez